

REDES SOCIAIS E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA ANÁLISE DAS REDES DE RELACIONAMENTO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS PARTICIPANTES DO PROJETO *ESPERANÇA/COOESPERANÇA*

Gabriel Murad Velloso Ferreira*

Marta Von Ende**

Gustavo Fontinelli Rossés***

Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga****

Diego Russowsky Marçal*****

RESUMO: Os estudos das redes sociais possibilitam visualizar a posição de cada membro dentro de um grupo, auxiliando na identificação daqueles que têm maior potencial de liderança. Esta pesquisa teve como objetivo mapear e analisar a rede de relacionamentos dos produtores de hortifrutigranjeiros do Projeto Esperança/Cooperança, criado em Santa Maria-RS, que alicerça-se nos pressupostos da Economia Solidária. Ele conta com o envolvimento de pequenos agricultores, cooperados, que realizam diversas ações para desenvolver suas atividades e viabilizar a comercialização de seus produtos. O grupo de produtores é composto por 15 integrantes, sendo que 60% comercializam no mínimo 75% da sua produção via projeto. Destes, 75% comercializam a totalidade da sua produção via projeto. Com relação ao estudo das redes, verificou-se que existem dois integrantes do grupo (L e M) que se destacam nas interações com os demais participantes. Com isso, nota-se que estes dois indivíduos têm uma grande importância no grupo, adquirindo um papel de liderança e de comunicação. A interação do grupo depende muito dessas duas pessoas, pois funcionam como intermediários do fluxo de informação. O mapeamento também possibilitou identificar os integrantes periféricos, que possuem pouca ou nenhuma influência sobre o grupo. Este mapeamento sinaliza com a necessidade de adoção de estratégias que possam agregar mais os integrantes periféricos, bem como promover novas lideranças dentro da rede, o que permitirá uma maior densidade de relações e cooperação entre os indivíduos para o alcance dos objetivos do grupo.

* Administrador; Mestre em Agronegócios; Doutorando em Extensão Rural; Docente do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; E-mail: gabriel@ufsm.br

** Administradora; Mestre em Administração; Doutoranda em Administração; Docente do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

*** Administrador; Mestre em Engenharia da Produção; Doutorando em Extensão Rural; Docente do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

**** Administradora; Mestre em Engenharia da Produção; Doutora em Agronegócios; Docente do CESH/UFSM.

***** Administrador; Ex-bolsista do projeto de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Economia Solidária; Cooperativismo; Agricultura Familiar.

SOCIAL NETWORKS AND SOLIDARITY ECONOMY: AN ANALYSIS OF RELATIONSHIP NETWORKS OF SMALL RURAL PRODUCERS WHO PARTICIPATE IN THE *ESPERANÇA/COOESPERANÇA* PROJECT

ABSTRACT: Studies on social networks reveal the position of each member within the group and identify those with the highest leadership potential. Current research maps and analyzes the relationship network of fruit and vegetables producers of the Esperança/Cooesperança Projeto in Santa Maria RS Brazil, foregrounded on the presuppositions of the Solidarity Economy. It actually comprises small cooperative farmers, with several activities for the commercialization of their produce. The group is composed of 15 producers of whom 60% commercialize 75% of their produce through the project. Network revealed two producers (L and M) with special interactions with the other participants. They are extremely relevant in the group, featuring leadership and communication roles. The group's interaction depends on these two leaders who act as intermediates within the information flow. Mapping also identified the peripheral people with small or no influence on the group. Mapping actually showed the need for the adoption of strategies that may aggregate more and more the peripheral people and promote more leaders within the network. The latter will provide more density to relationships and cooperation among individuals to achieve the group's aims.

KEY WORDS: Social Network; Solidarity Economy; Co-Operatives; Family Agriculture.

INTRODUÇÃO

Para se inserir nos mercados e resistir às desigualdades geradas pelo mundo contemporâneo, os setores populares têm desenvolvido diversas iniciativas de geração de trabalho e renda, como cooperativas e associações. Mesmo dentro de uma economia global capitalista, outras formas de produção sobrevivem. Este é o caso da economia solidária, que é baseada nas relações de cooperação, trabalho associado e autogestão, tendo como valor central a solidariedade.

Conforme Candeias, Melo Neto e Macdonald (2005), na Economia Solidária a gestão coletiva é exercida por seus trabalhadores, em que eles são os responsáveis pelo controle, gerenciamento e a administração do capital. Tal gestão visa os princípios de repartição equitativa dos resultados e a própria valorização do trabalho dos seus membros.

Essas características básicas da Economia Solidária presumem a necessidade de um elevado nível de participação por parte das pessoas, seja nas instâncias decisórias ou no dia a dia das atividades. Sabe-se que participação envolve interação entre as pessoas, e quanto maior esta interação, maior tende a ser a coesão do grupo e a força para se alcançar os objetivos da coletividade.

Em decorrência da interação entre as pessoas, relações interpessoais são construídas e, no seu conjunto, vão se consolidando como uma rede, que é permeada por um fluxo de comunicação e de informações. Quando esta rede apresenta densidade de interações, ela pode potencializar a ajuda mútua e a complementaridade entre os atores sociais, o que aumenta a confiança dentro da rede e potencializa o alcance dos objetivos coletivos.

Dessa forma, ganha relevância a análise da rede de um grupo. Segundo Calgaro Neto e Diesel (2009), o mapeamento das redes permite visualizar concretamente os laços de relacionamentos sociais, facilitando a compreensão dessas relações. A importância da visualização dessas interações, é que a partir de então se torna possível identificar os atores “centrais” da rede, ou seja, as pessoas que mais apresentam interações com as outras, bem como os periféricos, que apresentam poucas interações.

Para isto é necessário fazer o mapeamento dos integrantes da rede, bem como seus contatos mais importantes e de que forma são suas relações. Esses dados são dispostos em uma matriz, ou seja, uma sociomatrix que representa o sociograma. E sua visualização é feita com o auxílio de um *software*.

Na rede, as pessoas que têm um maior número de relações, ou seja, os atores centrais, podem atingir um papel de liderança dentro do grupo, pois tendem a ter uma grande credibilidade e influência. Assim, os indivíduos que não possuem muitas interações passam a ser os periféricos da rede, com pouca ou nenhuma influência, credibilidade e força de expressão (CALGARO NETO; DIESEL, 2009).

Logo, a visualização da rede possibilita a identificação dessas pessoas, o que auxilia na compreensão das relações que são estabelecidas em determinado grupo. Este conhecimento viabiliza a adoção de medidas que possibilitem fortalecer a rede, no sentido de fazer com que os periféricos, por meio de uma maior relação com os centrais, aumentem sua participação. E, com essa interação ampliada, possibilita-se um aumento na coesão do grupo e um fortalecimento das ações coletivas.

Como base empírica deste estudo, evidencia-se o Projeto Esperança/ Cooesperança criado em Santa Maria – RS que se alicerça nos pressupostos da Economia Solidária e busca desenvolver a agricultura familiar na região. Ele conta com o envolvimento de pequenos agricultores, cooperados, que realizam diversas ações para desenvolver a atividade, a fim de originar uma maior sustentabilidade (econômica, social e ambiental). Armazéns, terminais de comércio, produção de artesanatos, feiras, ações sociais, educação ambiental e práticas agroecológicas, entre outros, são exemplos de ações concretas do Projeto (ICAZA; FREITAS, 2006).

Justifica-se um estudo dessa natureza, uma vez que ele permite que se conheça e compreenda como se dão as relações sociais entre os indivíduos que fazem parte do Projeto. Informações dessa ordem tendem a oferecer subsídios concretos para entender a dinâmica relacional e suas interações, o que poderá auxiliar no desenvolvimento de ações que possibilitem maior interação e envolvimento entre os participantes. Isto é considerado fundamental para fortalecer as atividades do Projeto, bem como para consolidar os princípios de Economia Solidária.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo mapear e analisar a rede de relacionamentos dos produtores de hortifrutigranjeiros do Projeto Esperança/ Cooesperança.

2 REDES SOCIAIS

As redes estão ligadas a várias áreas do conhecimento, mas o conceito mais utilizado se refere a um conjunto de pontos ligados por um conjunto de relações. Rocha et al. (2003, p. 12) afirmam “que o estudo das redes mostra a posição de cada membro dentro do grupo, possibilitando a identificação daqueles que tem maior potencial de liderança”.

Lévy (1994) destaca que as redes são várias individualidades em intensa sinergia a partir de seus interesses; uma rede flexível de alta conectividade onde os nós (os integrantes) mudam, circulam na busca de seu desenvolvimento pessoal sem anular as premissas comuns que os agregam. Para Balestrin e Vargas (2004, p. 204), “a configuração em rede promove ambiente favorável ao compartilhamento de informações, de conhecimentos, de habilidades e de recursos”.

Outra consideração é de que as redes são usualmente entendidas como mais do que a soma de relações bilaterais e sim, um conjunto de relações entre os atores sociais nelas envolvidos, elaboradas dentro de um sistema integrado (DEBRESSON; AMESSE, 1991). Portanto, redes sociais referem-se a um conjunto de pessoas ou entidades ligadas por relações que podem ser de amizade, trabalho, troca de informações, troca de recursos, etc. As redes sociais representam um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados (GATTO, 2007).

O fluxo da comunicação dentro das redes interpessoais depende tanto da tecnologia utilizada como da forma que se dão as relações dentro da mesma. Kurt Lewin, psicólogo, foi um dos principais pesquisadores sobre relações interpessoais. Mailhiot (1976 apud Costa, 2004), ao se referir a uma das pesquisas realizadas por esse psicólogo, afirma que ele chegou à constatação de que a produtividade de um grupo e sua eficiência estão estreitamente relacionadas não somente com a competência de seus membros, mas, sobretudo com a solidariedade de suas relações interpessoais. É na interação com os outros, principalmente os que ocupam as posições sociais mais próximas, que cada um buscará ajudar-se para compreender coisas e fatos (SPERRY, 2001).

Como dentro das redes interpessoais o fluxo de comunicação gera a circulação de informações, para Granovetter (1973), a confiança é um elemento central no que se refere à perpetuação de informações entre os agentes. O mesmo autor advoga que a força do vínculo é uma combinação linear do tempo, da intensidade emocional, da intimidade (confiança mútua), e dos serviços recíprocos que caracterizam o vínculo.

As diferentes interações propiciam a troca de ideias e o compartilhamento de informações e conhecimentos e, ainda, promovem “o estabelecimento de referências

simbólicas e culturais comuns, que constituem assim seu diferencial” (ALBAGLI, 2003, p. 134). Grotto (2008) apresenta o compartilhamento do conhecimento como um dos fatores indispensáveis nas organizações, pois não basta dispor do conhecimento, é necessário que a organização promova a circulação dos fluxos de conhecimento a fim de beneficiar a empresa como um todo.

2.1 INDICADORES DAS REDES

Nos anos de 1960 e 1970, os sociólogos usaram o conceito de redes para entender normas, trocas e poder. Atualmente, para o entendimento e estudo das redes foram desenvolvidas medidas, das quais as principais são: tamanho e centralidade. O tamanho da rede é identificado pelo número de ligações ou número de nós existentes entre seus atores. Já a centralidade pode ser dividida em: centralidade de grau, centralidade de proximidade e centralidade de intermediação. Castro, Mendonça e Maciel (2006) comentam que a alta centralidade conduz uma maior velocidade e maior volume no fluxo de três ativos: recursos, informações e status (prestígio-condição social).

A centralidade de grau ou local é o número de ligações que o ator possui com os outros atores e possibilita identificar qual ator tem posição privilegiada no grupo. “O grau de um ator é a medida da atividade que ele tem na rede” (WASSERMAN; FAUST, 1994, p. 100).

A centralidade de proximidade ou global é a distância ou proximidade em que um ator se encontra dos outros atores. Essa medida mostra os atores centrais e periféricos. Um ator central pode interagir com mais facilidade com os outros atores da rede. Como ressaltado por Beauchamp (1965 apud WASSERMAN; FAUST, 1994), atores ocupando posições centrais em relação à proximidade, podem ser muito produtivos em comunicar informações para outros atores. Assim, Freeman (1979) comenta que o índice de proximidade pode ser utilizado como indicador de independência ou eficiência da rede. Na prática, para Scott (2000), essa medida contribui na separação de atores centrais e periféricos.

A centralidade de intermediação é quando um ator situa-se entre outros dois atores da rede, fazendo a ligação entre eles. Assim o ator que está entre os

outros, segundo Pinto e Junqueira (2008), pode negociar os contatos entre os demais atores, cobrar uma “tarifa de serviço”, isolar atores ou prevenir contatos.

Conforme citado em Zancan (2008), Everett e Borgatti propõem, como extensão das medidas de centralidade, o estudo das medidas de centralidade de grupos, dividindo-as em: centralidade de grau de grupos, ou seja, o número de atores que não pertencem ao grupo central, mas que estão ligados aos que têm maior centralidade; centralidade de proximidade de grupos, ou seja, soma das distâncias do grupo central e dos atores fora do grupo central; centralidade de intermediação de grupos, mensurada pela proporção geodésica de pares conectados de membros que estão fora do grupo central e que passam através deste.

De acordo com Castro, Mendonça e Maciel (2006), é importante não confundir centralidade com centralização. A centralização não se refere a uma propriedade de um agente ou de alguns atores, e sim, da rede representada no gráfico como um todo. Essa medida revela a coesão ou quanto a rede parece se configurar em uma estrutura mais fluída como um todo.

A densidade da rede é definida como o percentual entre o número contado de laços em relação ao máximo número de ligações possíveis, em uma dada rede (WASSERMAN; FAUST, 1994). Castro, Mendonça e Maciel (2006) complementam afirmando que a principal função dessa medida é esclarecer quão distante está a soma total das ligações de uma rede da soma de todas as suas possíveis conexões.

2.2 METODOLOGIA PARA O ESTUDO DE REDES

A metodologia para o estudo de redes sociais é a Análise de Redes Sociais (ARS), baseada nas medidas citadas acima e em outras técnicas, permite descrever a estrutura das relações sociais que liga os atores de maneira efetiva. Para Hanneman (2001), a representação formal de uma rede assegura que toda a informação necessária pode ser apresentada de forma concisa e sistemática, disponibilizando indicadores para uma análise competente.

Tomaél (2006) comenta que quando começaram a ser feitas as análises de redes sociais, os pesquisadores não tinham ferramentas e recursos automatizados, por isso os grupos estudados eram restritos. A partir dos anos de 1940, a

representação das relações começou a ser feita por meio de matrizes. A informática, para análises de grupos maiores e mais complexos, só foi utilizada a partir dos anos de 1970, quando estruturalistas inspirados em análise de grafos e na teoria dos sistemas, contribuíram promovendo a sociologia de ferramental computacional para a análise de redes sociais. Após os anos de 1980, a pesquisa sobre redes sociais foi nutrida pela expandida capacidade de comunicação proporcionada pela tecnologia da informação e pela maior maturidade acadêmica sobre análise de redes, associada ao renovado interesse pelo estudo de modelos organizacionais flexíveis em substituição às maciças empresas com integração vertical (NOHRIA; ECCLES apud PINTO; JUNQUEIRA, 2008).

A ARS é composta de um estudo da listagem para mapeamento da rede, uma técnica própria dessa metodologia, que consiste em uma lista dos integrantes de um determinado grupo para identificação dos contatos mais importantes, bem como a forma e a frequência dos contatos e outras relações mantidas pelos participantes (COSTA; PINHEIRO, 2007). Os dados dessa listagem são apresentados em uma matriz que representam os sociogramas das relações entre os atores. De acordo com Smolka e Côrtes (2006), as sociomatrizes consistem dos atores que enviam (as linhas) e os atores que recebem (as colunas) as ligações.

Para a visualização dessas sociomatrizes é utilizado o *software* Ucinet, que analisa as ligações desses atores e calcula as medidas pertinentes. Por meio do NetDraw (*software* para visualizar dados de redes sociais o qual acompanha o Ucinet) é representado o diagrama da rede, logo após com a abordagem qualitativa procedemos às descrições e às relações necessárias para qualificar a análise das redes sociais.

3 METODOLOGIA

O método utilizado neste trabalho foi a pesquisa exploratória, que conforme Gonçalves e Meirelles (2004), pode ser entendido como um processo investigativo que leva ao diagnóstico do verdadeiro problema, ou do problema relevante, que é a causa dos sintomas já presenciados.

Imersos nessa lógica, tomou-se como base de estudo o Projeto Esperança/Cooperança, mais especificamente o Feirão Colonial, que é realizado todos os sábados na cidade de Santa Maria-RS e disponibiliza mais de 40 espaços para comercialização de diversos produtos. Ressalta-se que o foco deste estudo foi no setor de hortifrutigranjeiros, que é composto por 15 bancas, sendo que cada banca possui um representante e abrange em média 5 famílias.

O processo de coleta de dados se deu por meio da aplicação de questionários semi-estruturados junto a 15 (quinze) produtores rurais do setor de hortifrutigranjeiros associados ao Projeto Esperança/Cooperança. O questionário foi dividido em duas partes, na primeira buscou-se levantar informações para que fosse possível caracterizar os produtores participantes. A caracterização envolveu a coleta de informações sobre a localidade da propriedade, tamanho da área, atividades produtivas, forma de comercialização, dentre outras.

A segunda parte do questionário teve o intuito de identificar a rede de relacionamento dos produtores rurais do setor de hortifrutigranjeiros; para isto, foram questionadas quais as três pessoas que os produtores mais interagem formalmente, ou seja, nas interações relacionadas às atividades desempenhadas no Feirão Colonial do Projeto Esperança/Cooperança. Após, os dados foram lançados no *software* UCINET, o que gerou um sociograma e em seguida, foram calculados, pelo programa, índices de centralidade, intermediação e proximidade para as relações profissionais dentro do projeto. Tendo os índices, foram feitas análises referentes a aspectos como liderança e comunicação dentro da rede estudada.

4 RESULTADOS

4.1 O PROJETO ESPERANÇA/COOPERANÇA

A Cooperança é uma cooperativa mista de pequenos produtores rurais e urbanos vinculados ao Projeto Esperança. Tem como função articular os grupos de produtores e viabilizar a comercialização direta dos produtos produzidos. Seu objetivo é propor um modelo alternativo de cooperativismo (COOPERANÇA, 2011).

O Projeto está alicerçado na Economia Popular Solidária e visa melhorar a qualidade dos produtos a partir de uma produção ecológica. Sendo assim, enfatiza o trabalho cooperativo, autogestionário, gestão participativa e transformadora, com o objetivo de propor uma nova economia, que valoriza o ser humano e o trabalho, acima do capital. Um dos braços do projeto é o Feirão Colonial, que ocorre aos sábados e tem como objetivo, na região central do Rio Grande do Sul, desenvolver a agricultura familiar. Ressalta-se que a comercialização direta entre produtor e consumidor, tem como finalidade criar uma relação de confiança mútua e solidária, por meio do encurtamento da cadeia de produção e, conseqüentemente, o aumento da renda das famílias participantes do Projeto (COOESPERANÇA, 2011).

Ressalta-se que este projeto iniciou em 1987, tendo uma Organização Não-Governamental (ONG) como instituição idealizadora: a Arquidiocese de Santa Maria-RS, integrada com a Cáritas Regional-RS. O projeto conta historicamente com a intervenção do Estado e de ONG's no sentido de aporte de recursos financeiros. No plano nacional, destacam-se projetos vinculados ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e emendas parlamentares. Vale salientar também a existência de apoios financeiros provenientes do Governo Estadual por meio da SESAMPE – Secretaria de Economia Solidária e Apoio à Micro e Pequena Empresa, bem como de contrapartidas da Prefeitura Municipal de Santa Maria - RS.

Destaca-se que, segundo Cooesperança (2011), o projeto como um todo abrange 34 municípios da região central do Rio Grande do Sul (território da cidadania), envolvendo cerca de 250 grupos organizados rurais e urbanos de diversos segmentos, o que beneficia diretamente algo em torno de 5 mil famílias.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS

O grupo de produtores pesquisado é composto por 15 integrantes. A maioria deles (60%) possui sua propriedade rural localizada na cidade de Santa Maria - RS. Dos 40% restantes, 20% localizam-se em Silveira Martins e os outros 20% dividem-se nos municípios de Dona Francisca, Pinhal Grande e Itaara.

Percebeu-se que o tamanho médio das propriedades é de 16 hectares. É importante ressaltar que 53% dos produtores possuem áreas menores que oito

hectares e que 47% dos produtores possuem área acima de 25 hectares, chegando a 50 hectares. Nota-se, com isso, uma grande variabilidade em relação ao tamanho das propriedades participantes do Projeto Esperança/Cooesperança, pois, enquanto um agricultor possui 1 (um) hectare, outro possui 50 hectares. No entanto, a maior parte deles possui terras de poucos hectares, o que os caracteriza como pequenos agricultores.

Em relação à área agricultável, verificou-se que os agricultores utilizam em média a metade da área da propriedade. Dos quinze agricultores, 67% possuem uma área de produção menor que sete hectares e 33% produzem em uma área acima de dez hectares.

Os principais produtos das propriedades são: mandioca, leite, batata doce, laranja, feijão, milho, alface, frutas, floricultura, soja e arroz. Vale lembrar que os dois produtores que possuem maior área são os que produzem soja e arroz. Destaca-se, também, que 20% dos produtores têm como atividade principal a produção de alface.

Observou-se uma concentração produtiva em 33,33% dos produtores (3), que obtêm no mínimo 80% da renda de um único produto. Desses produtores, dois (13,33%) não possuem atividades secundárias, caracterizando-se como monocultura. Um desses produtores trabalha exclusivamente com o cultivo de mudas de flor e o outro com mudas de laranja. Essa é uma questão importante, pois tais produtores não possuem outra fonte produtiva. A diversificação das culturas é apontada como a maneira mais segura de garantir várias fontes de renda durante o ano agrícola, evitando o risco da perda total da produção por condições adversas. Ressalta-se que o Projeto Esperança/Cooesperança também trabalha no sentido de incentivar a diversificação da matriz produtiva dos seus associados.

Os doze produtores (86,66%) que diversificam a produção apontaram como atividades secundárias a produção de batata, milho, feijão, cenoura, beterraba, mandioca, ovos, leite, queijo, nata, requeijão, pipoca, cebola, frutas cítricas, fumo, verduras, temperos, morango, arroz, criação de frangos, piscicultura, apicultura, vitivinicultura, bovinocultura, panificação, costura e tear. Nota-se que os agricultores têm uma média de cinco atividades secundárias na produção, existindo mesmo assim, produtores com índices maiores de diversificação, chegando a doze atividades

secundárias. Tais atividades representam, em média, 40% da renda agropecuária anual da família.

É visível, também, a importância do Projeto Esperança/Coesperança para a manutenção das famílias, pois este viabiliza a comercialização direta dos produtos, por meio das feiras e dos terminais de comércio, sendo que 60% dos agricultores familiares associados comercializam no mínimo 75% da sua produção via projeto. Destes, 75% comercializam 100% da sua produção por meio do Projeto Esperança/Coesperança. Sendo a média de 70% de escoamento da produção via projeto. Somando-se a isso, destaca-se que 13,33% dos produtores precisam adquirir em torno de 40% a mais de produtos para a comercialização, o que sinaliza que o projeto também está gerando oportunidades para produtores parceiros de associados. Os demais produtores (86,66%) têm a produção própria suficiente para a comercialização nas feiras e terminais de comércio. Isto indica a grande influência do Projeto na comercialização dos produtos dos agricultores.

Outro ponto perceptível é o tempo de permanência dos agricultores no projeto, sendo que mais de 73% participam da Cooperativa há mais de dez anos e 27% participam a menos de oito anos, representando uma média de dez anos e meio de participação no Projeto.

Além disso, o Projeto Esperança/Coesperança insere os agricultores cooperados em uma cadeia de trabalhos relacionada a estudo e formação, proporcionando por meio de reuniões e cursos o acesso a informações e atualizações sobre as práticas agrícolas utilizadas nos processos de produção. Também mostra aos cooperados a viabilidade de se produzir ecologicamente, preocupando-se com a agricultura sustentável, sem prejudicar o meio ambiente e os seres humanos.

O Projeto Esperança/Coesperança, como mencionado anteriormente, proporciona a comercialização direta dos produtos para os consumidores. E, nesse contexto, os agricultores destacam as relações interpessoais, tendo em vista que as relações humanas são fundamentais, pois todos estão interligados: produtores, consumidores, colaboradores e a própria comunidade. O convívio coletivo garante a saúde do grupo e enriquece o mesmo com a partilha de experiências. Essa é a principal vantagem destacada por eles, pois é uma oportunidade estratégica que agrega valor ao seu produto proporcionando que os produtores tenham o contato direto com os clientes, que são as chamadas cadeias curtas.

O que se observa é que os produtores veem na Cooperativa a garantia da sua renda mensal. Por meio dos pontos de venda fixos têm freguesia garantida. Além disso, passam de empregados para empregadores, contratando pessoas para o trabalho na própria propriedade rural.

4.3 RELAÇÕES PROFISSIONAIS

A rede de interação profissional do projeto Esperança/Cooperança pode ser visualizada na Figura 1. Esta rede possui 15 integrantes e pode-se perceber que não há nenhum indivíduo isolado, mostrando que todos foram indicados ou indicaram ao menos uma pessoa da rede.

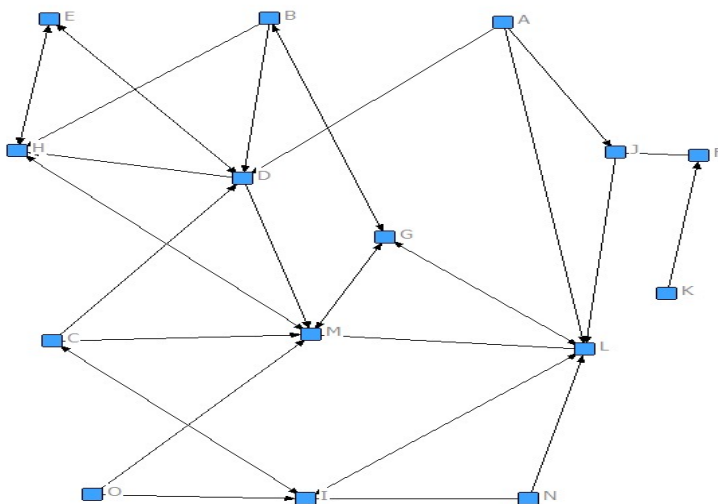


Figura 1. Rede Profissional
Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 1 são apresentados os indicadores da rede estudados. No primeiro indicador analisado, centralidade, pode-se observar que o integrante M possui um alto valor de entrada, *InDegree*, ou seja, número expressivo de citações por parte de outros integrantes da rede, evidenciando um papel claramente central na rede analisada. Este atingiu valor 6,000, representando 42,857% (*NrmInDegree*) de

quatorze possíveis citações. Este participante mora em um Distrito de Santa Maria, onde possui a propriedade há oito anos. Seu principal produto comercializável são massas, mas possui outras atividades secundárias como, por exemplo, frango, ovos, leite, alface, cebola, moranguinho. Destaca-se, ainda, que ao ser questionado, este integrante respondeu que seu maior interesse é individual e que uma das principais vantagens de sua participação é passar de empregado para empregador.

Também vale destacar o integrante L com valor de 5,000, representando 35,714% de quatorze citações possíveis. Esta integrante mora na região de Santa Maria, onde possui sua propriedade há 52 anos. Seu principal produto é a alface, mas assim como o integrante M também possui atividades secundárias. Ele respondeu que seu maior interesse é coletivo e uma das principais vantagens de sua participação no projeto é o conhecimento e aprendizado. Ambos afirmam que 100% de sua produção é comercializável via Projeto Esperança/Cooesperança, onde já participam em torno de dez anos. Destacaram também que não participam de outras cooperativas ou associações.

Ainda relacionado ao índice *InDegree*, nota-se que A, K, N possuem valor 0, e B, F e O possuem valor 1,000, mostrando que estes integrantes possuem baixa ou nenhuma influência na rede, tornando-os atores periféricos.

Tabela 1. Índice de centralidade

(continua)

INTEGRANTE	Índices de centralidade			
	<i>Outdegree</i>	<i>Indegree</i>	<i>NrmOutdeg</i>	<i>NrmInDeg</i>
A	3,000	0,000	21,429	0,000
B	3,000	1,000	21,429	7,143
C	3,000	2,000	21,429	14,286
D	3,000	4,000	21,429	28,571
E	2,000	2,000	14,286	14,286
F	1,000	1,000	7,143	7,143
G	3,000	3,000	21,429	21,429
H	2,000	4,000	14,286	28,571
I	3,000	4,000	21,429	28,571
J	1,000	2,000	7,143	14,286
K	1,000	0,000	7,143	0,000
L	3,000	5,000	21,429	35,714

	(conclusão)			
M	3,000	6,000	21,429	42,857
N	2,000	0,000	14,286	0,000
O	2,000	1,000	14,286	7,143

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao integrante A, está localizado na região de Silveira Martins, está em uma propriedade arrendada de 30 hectares, porém sua área agriculturável é de 17 hectares. Seu principal produto é a soja, tendo a alface, batata, milho e feijão como produção secundária. De todos os produtos, apenas 30% é comercializado no projeto. Participa do projeto há 11 anos e cita como principal vantagem a comercialização direta. Este integrante é considerado periférico, pois seu principal foco é na comercialização de seus produtos, não considerando o cooperativismo, além da maior parte de sua renda não ser originária do Projeto.

O integrante K também possui sua propriedade em Silveira Martins, com 10 hectares de área agriculturável. Seus principais produtos são hortifruti (frutas), mas também trabalha com piscicultura, apicultura e outros. Metade de sua produção é comercializada no Projeto, e uma parte é vendida no Restaurante Popular. Este integrante está há aproximadamente meio ano no projeto e a grande vantagem citada foi a rede de contatos. No caso deste integrante, pode ser considerado periférico por estar há pouco tempo, quando comparado com os outros, no Projeto.

Nesta mesma situação encontra-se o integrante N, possui sua propriedade de oito hectares em São Marcos há 27 anos, porém apenas um hectare é agriculturável. Seu principal produto é alface, e possui como secundários gado e arroz. Toda a produção é comercializada no projeto e participa do mesmo há apenas cinco meses, o que também o torna periférico. Este integrante possui um interesse coletivo e as vantagens de participar do projeto são aprender bastante e experiência de vida.

Por outro lado, os outros três participantes (B, F, O) diferem muito nas suas características. Localizam-se nos municípios de Dona Francisca, Silveira Martins e Pains, respectivamente, e oscilam muito na questão tempo de propriedade, 2, 22 e 88 anos, e tamanho da mesma, 50, 2 e 28 hectares. Diferem bastante também nos produtos comercializáveis, quais sejam: arroz, laranja e mandioca. Apenas um deles apresenta atividade secundária e também apenas um integrante comercializa 100% da sua produção via Projeto, onde participam há 15, 13 e 23 anos, respectivamente.

Podem ser considerados periféricos, pois seus interesses no Projeto são apenas a venda, fregueses, e renda. Não considerando também o cooperativismo e a ajuda mútua, a relação entre os participantes.

No grau de saída, *OutDegree*, merece atenção o fato de que alguns respondentes citaram pessoas não relacionadas à rede de interação profissional observada. Com isso, observa-se que muitos atores estão tão isolados na rede, que os outros integrantes citam outras pessoas e não os companheiros do grupo.

Em relação ao grau de intermediação, conforme se observa na Tabela 2, os integrantes L e M representam as maiores intermediações, sendo que o primeiro apresentou valor 43,250, representando 23,764% dos possíveis nós para serem ligados e o segundo, 42,583, representando 23,397% de todos os pares de nós que poderiam ser ligados.

Tabela 2. Índice de intermediação

NOME	Intermediação	
	<i>Betweenness</i>	<i>nBetweenms</i>
A	0,000	0,000
B	3,500	1,923
C	17,000	9,341
D	11,083	6,090
E	1,000	0,549
F	11,000	6,044
G	22,000	12,088
H	11,833	6,502
I	22,167	12,179
J	20,000	10,989
K	0,000	0,000
L	43,250	23,764
M	42,583	23,397
N	0,000	0,000
O	0,583	0,321

Fonte: Dados da pesquisa

Ressalta-se a importância destes atores por seu poder de intermediação na comunicação entre os outros indivíduos da rede. Ou seja, esses atores funcionam como uma ponte, ligando, muitas vezes, os atores periféricos aos centrais. São de grande importância na rede, afinal, é através deles que se pode fazer a interação entre os atores.

Nesta análise, pode-se perceber que L possui maior grau que M, sendo que este último possui maior grau de centralidade do que o primeiro. Isto significa que M possui um maior poder de liderança e L, melhor comunicação dentro da rede.

Cabe ressaltar que três integrantes, A, K e N, obtiveram intermediação zero, dentro da rede de interação profissional analisada. Isto demonstra baixo desempenho em comunicação com os demais integrantes.

No índice de proximidade, relacionado na Tabela 3, *inCloseness*, são destacados os mesmos anteriormente mencionados, M (56,000) e L (50,000), porém há um indivíduo que também merece destaque por ter um valor elevado, G (48,276). Este integrante é morador de Pinhal Grande, e possui sua propriedade de 32 hectares há 45 anos.

Tabela 3. Índice de Proximidade

(Continua)

NOME	Proximidade			
	<i>inFarness</i>	<i>outFarness</i>	<i>inCloseness</i>	<i>outCloseness</i>
A	210,000	67,000	6,667	20,896
B	42,000	94,000	33,333	14,894
C	35,000	91,000	40,000	15,385
D	36,000	95,000	38,889	14,737
E	41,000	102,000	34,146	13,725
F	196,000	83,000	7,143	16,867
G	29,000	92,000	48,276	15,217
H	32,000	96,000	43,750	14,583
I	32,000	93,000	43,750	15,054
J	169,000	87,000	8,284	16,092
K	210,000	80,000	6,667	17,500

				(conclusão)
L	28,000	92,000	50,000	15,217
M	25,000	91,000	56,000	15,385
N	210,000	83,000	6,667	16,867
O	45,000	94,000	31,111	14,894

Fonte: Dados da pesquisa

No entanto, diferente dos outros dois participante já citados, o integrante G (48,276), arrenda 3,5 hectares da sua propriedade. Seu principal produto comercializável é o feijão, mas possui outras atividades secundárias. Participa do Projeto há 17 anos no qual comercializa 75% de sua produção.

Estes valores demonstram que os indivíduos M, L e G possuem maior capacidade de se relacionar com os demais integrantes da rede, ou seja, estão mais próximos às outras pessoas.

Este índice acaba por comprovar o que os outros já analisados demonstraram, a importância dos integrantes M e L na rede. M, com maior poder de liderança e L com maior poder de intermediação e comunicação. Estes são os que melhor se relacionam com os demais indivíduos.

Os menores valores neste índice foram obtidos pelos integrantes A, K e N, todos com 6,667, evidenciando também o que outros índices já mostraram, que eles não possuem muita influência nem uma forte interação com a rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o objetivo da pesquisa, mapear as relações entre os cooperados do Projeto Esperança/Cooesperança, buscou-se analisar as relações profissionais destes. Essa análise possibilitou a visualização dos integrantes que mais se destacam. Assim, pode-se concluir que há dois integrantes do grupo (L e M) que estão em evidência. Ou seja, foram os mais indicados pelos outros participantes. Com isso, nota-se que eles têm uma grande importância no grupo, adquirindo um papel de liderança e de comunicação.

A interação do grupo depende muito destas duas pessoas, pois funcionam

como intermediários do fluxo de informação. Esse mapeamento também possibilitou destacar os integrantes periféricos. Ou seja, aqueles que não são indicados e apenas indicam poucas pessoas. Estes possuem pouca ou nenhuma influência sobre o grupo. No entanto, é possível observar que esses não são apenas participantes recentes, como também alguns que já estão no Projeto há mais tempo.

Com isso, nota-se que a interação, no grupo, não se dá devido ao tempo de permanência no Projeto, e sim, à facilidade de interação de uma pessoa com as outras. Por isso, acredita-se ser importante que os cooperados aproximem-se mais, pois além de melhorar o convívio, isso pode acarretar em um aumento de sinergia e melhoria nos resultados do Projeto.

Sendo assim, esse mapeamento feito no grupo de produtores serve como auxílio ao próprio Projeto Esperança/Cooesperança, para que assim busque alternativas e meios para promover a aproximação entre seus integrantes. Deste modo, fazendo com que a rede de relações entre eles possa ser mais entrelaçada e densa, e, com isso, deixe de ser dependente de apenas alguns atores.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Informação, territorialidade e inteligência local. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

BALESTRIN, A.; VARGAS, L. M. A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, Edição Especial, p. 203-227, 2004.

CANDEIAS, C. N. B.; MELO NETO, J. F.; MACDONALD, J. B. **Economia solidária e autogestão**: ponderações teóricas e achados empíricos. Maceió: Ed. da EDUFAL, 2005. v. 1, 162 p.

CALGARO NETO, S.; DIESEL, V. Redes Sociais e Constituição de Referentes Técnicos em Cooperativa de Piscicultores em Santa Maria, RS. In: CONGRESSO DA SOBER, 47., 2009, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre, RS: [s.n.], 2009.

CASTRO, M.; MENDONÇA, V. C.; MACIEL, C. O. Configurações Reticulares e Inovação: reflexões acerca da efetividade de padrões estruturais distintos. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO, 24., 2006, Gramado, RS. **Anais...** Gramado, RS: [s.n.], 2006.

COOESPERANÇA. **Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos Vinculados ao Projeto Esperança**. 2011. Disponível em: <<http://www.esperancacooesperanca.org.br/>>. Acesso em: set. 2011.

COSTA, W. J. V.; PINHEIRO, M. M. K. Redes sociais e compartilhamento de informações e conhecimento em aglomerações produtivas. *Informação & Informação*, v. 12, n. esp., 2007.

COSTA, W. S. Humanização, relacionamento interpessoal e ética. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 17-21, jan./mar. 2004.

DEBRESSON, C.; AMESSE, F. Networks of innovators: A review and introduction to the issue. **Research Policy**, v. 20, n. 5, p. 363-379, 1991.

FREEMAN, L. C. Centrality in social networks: conceptual clarification. **Social Networks**, v. 1, n. 3. p. 215-239, 1979.

GATTO, R. F. Capital social e redes sociais. In: ENCONTRO DA ANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2007.

GONÇALVES, C. A; MEIRELLES, A. M. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

GRANOVETTER, M. S. La fuerza de los vínculos débiles. Traduzido por María Ángeles García Verdasco. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6. p. 1360-1380, 1973.

GROTTO, D. O compartilhamento do conhecimento nas organizações. In: ANGELONI, M. T. **Organizações do conhecimento: infra-estrutura, pessoas e tecnologia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

HANNEMAN, R. A. **Introduction to social network methods**. 2001. Disponível em: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/SOC157/NETTEXT.PDF>> Acesso em 25 set. 2011.

ICAZA, A. M. S.; FREITAS, M. R. **O Projeto Esperança/Cooesperança: e a construção da economia solidária no Brasil.** Porto Alegre: Cáritas Brasileira, 2006.

LÉVY, P. **Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1994.

PINTO, A. M. G.; JUNQUEIRA, L. A. P. A Análise de redes sociais no terceiro setor: um estudo de caso. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA A GOVERNANÇA, 2008, Salvador, BA. **Anais...** Salvador, BA: [s.n.], 2008.

ROCHA, F. E. C. et al. Comunicação interpessoal em três assentamentos de reforma agrária de Unai - Minas Gerais. Planaltina, DF: EMBRAPA Cerrados, 2003. (EMBRAPA Cerrados. Documentos, 94). 24p.

SCOTT, J. **Social network analysis: a handbook.** London: Sage Publications, 2000.

SMOLKA, R. B.; CÔRTEZ, M. R. Inovação das Empresas de Base Tecnológica (EBTs): Será que existe uma rede? In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO, 24., 2006, Gramado, RS. **Anais...** Gramado, RS: [s.n.], 2006.

SPERRY, S. Técnicas para interpretar a demanda da agricultura familiar: a comunicação interpessoal. Planaltina, DF: EMBRAPA Cerrados, 2001. (Circular Técnico, v. 18). 14p.

TOMAÉL, M. I. Agentes de inovação em alimentos funcionais no Estado do Paraná: o enfoque de sua rede social. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO, 24., 2006, Gramado, RS. **Anais...** Gramado, RS: [s.n.], 2006.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

ZANCAN, C. As contribuições teóricas da análise de redes sociais aos estudos organizacionais. In: ENCONTRO DA ANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 2008.

Recebido em: 12 de março de 2013

Aceito em: 15 de julho de 2013